

Rondó

Sonia Sant'Anna

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

RONDO

O dia em que conheci Mariano começou de maneira banal, comum, um dia desses em que se sai de casa para executar uma tarefa qualquer, mal suspeitando que, duas quadras adiante, nossa vida estará irremediavelmente mudada. Não me recordo que roupa ele vestia, se levava alguma coisa nas mãos, nem a hora assinalada pelo relógio na esquina. Minha atenção concentrou-se toda nos olhos azuis, dos quais desciam, despidoradamente, lágrimas que se iam perder por entre a barba curta e anelada. Se os homens soubessem como são irresistíveis assim desamparados... Da educação de toda mulher deveria fazer parte um capítulo prevenindo-a contra o risco representado por olhos de expressão desamparada, principalmente se azuis e plantados num rosto jovem e bonito.

Aqui neste exato lugar onde você agora me interpela, Mariano continuava de pé, nada vendo, inconsciente do perigo que representava para alguém como eu, à espera do grande

HORA DO JANTAR

Pratos, copos e talheres dispostos de maneira desordenada. Ao lado dos pratos, velhos guardanapos manchados. Bife, arroz, feijão, salada, uma jarra com água. Sentados à mesa, cabelos grisalhos, rostos enrugados, o homem e a mulher comem em silêncio.

Difícil acreditar que um dia haviam sentido tanto amor um pelo outro que haviam decidido passar juntas suas vidas. Tanto tempo... numa época distante. Ela punha um vestido branco e ficava em pé ao portão, esperando que ele chegasse. Ele vinha imaginando que talvez fosse essa a noite em que a mãe dela se afastaria da janela um momento, o tempo suficiente para que pudesse beijá-la. Mas nunca acontecia, e ali ficavam os dois numa conversa sem graça. Ele contava do emprego, do aumento que esperava, do atropelado que vira no caminho. Ela pouco saía de casa, quase nada tinha a dizer. Novidades da vizinhança, quem estava doente, brigas.

Gostariam de falar do quanto se amavam, de como ele a achava a mais bonita entre todas. Como fazê-lo, se a mãe ali estava atenta, vigiando o namoro, não perdia um gesto ou palavra? Às nove horas, sua tosse seca de tísica avisava, hora de Alfredo se despedir. Nunca um convite para um cafezinho, nada.

Casaram. Não podiam deixar sozinha a mãe dela, doente, nenhuma parenta para lhe fazer companhia. A lua de mel ali mesmo, na casa acanhada. Alfredo vestiu o pijama no banheiro; levando nos braços o terno do casamento, atravessou a sala ante o olhar da sogra, não se surpreenderia se a visse levantar para lhe barrar o caminho. Bateu à porta de Mariana e entrou.

Lá dentro, girou a chave na fechadura, sem isso teria a impressão de ver entrar a velha a qualquer momento. Aos primeiros beijos, Mariana empalideceu, como se cometesse um ato condenável, faltando com o respeito à mãe, apenas uma parede a separá-las. Recuava, negava os lábios, encolhia-se toda e tentava manter fechado o penhoar bordado que ele insistia em desabotoar. Alfredo estacou, ouvindo os passos arrastados de chinelas sobre as tábuas do assoalho, depois o ruído da porta do outro quarto fechando-se. Recomeçou os carinhos, depois a luta, fazendo deitar a mulher. Ela puxou os lençóis até o queixo, cobrindo-se, ele, irritado, com pressa, descobriu-a. A tosse seca fez-se ouvir do outro lado. Os dois, imóveis agora, escutavam; a tosse trazia a mãe para junto deles. Mariana, braços colados ao corpo, as pernas esticadas, procurava a beirada da cama, evitando qualquer contato, empurrando a mão que procurava encontrar-lhe os seios, fugindo à boca úmida que

lhe esmagava os lábios. Vindo do cômodo ao lado, um murmúrio de orações.

Alfredo rolou sobre o corpo da mulher. Sentindo raiva, acima de tudo, penetrou-a, sem se importar que o choro pudesse ser ouvido.

Havia pedido uma semana de licença para a lua de mel, depois passou a ansiar pela volta ao trabalho. Passavam o dia em casa, os três. A velha cozinhava, servia o almoço, permanecia o tempo todo ao lado deles, fazendo crochê, parecendo adivinhar tudo, um quase sorriso irônico nos lábios. Alfredo não sabia o que fazer. Se pudesse ficar a sós com Mariana, fazer-lhe carinhos, falar-lhe de amor como os personagens dos romances de que ela tanto gostava... Mas como tomar-lhe da mão, dizer o que sentia, com aquela presença incômoda entre eles?

Finda a lua de mel, os meses passando, Alfredo perdeu a esperança de reconquistar o amor de Mariana. À noite, depois do jantar, deixavam-se ficar um pouco à janela. Mariana bocejava, dizia-se morta de sono, deitava-se rapidamente e fingia dormir quando ele entrava no quarto. Uma vez por semana ele exigia seus direitos, ela já não chorava. Engravidou.

Gravidez cheia de achaques, bom pretexto para recusar-se ao marido. Alfredo passou a chegar tarde em casa, engolia a comida deixada num prato no forno. Tinha certeza de que a sogra espreitava sua chegada e percebia, através da porta fechada do quarto, quando seu hálito cheirava a cerveja.

Quando vieram as dores, a sogra achou melhor não mandar prevenir Alfredo no trabalho, ela e a filha foram sozinhas

para a maternidade, ele só ficou sabendo pelos vizinhos, ao chegar em casa.

Havia sido um parto difícil, Mariana demorou a se recuperar. Se o menino chorava à noite, para não precisar levantar-se, ela achava melhor deitá-lo ao seu lado e pedia ao marido que fosse dormir no sofá da sala.

Afraninho cresceu pálido e quieto. Tossia muito, tinha vômitos. A mãe o enchia de xaropes e mingaus. A avó experimentava simpatias aprendidas com as vizinhas. As duas cobriam-no de mimos, mantinham-no agasalhado dentro de casa, temiam que na rua os meninos maiores lhe ensinassem coisas feias. Alfredo achava que o que fazia falta ao garoto era brincar com outras crianças ao ar livre, correr atrás de uma bola. Depois de muito protestar, desistiu de interferir, lavou as mãos, as duas fizessem o que bem entendessem.

Tinha certeza de que elas falavam mal dele em sua ausência. O filho certamente tudo escutava; foi-se tornando arredio, rejeitando os carinhos que o pai tentava fazer-lhe.

Aos doze anos, Afraninho havia morrido de pneumonia, quase um estranho para o pai, que suportou o golpe com tranquilidade. Chegou a pensar então em deixar a família, nada mais o prendia ali. Pensou apenas. Foi ficando, era cômodo ter quem lhe passasse as camisas, pregasse os botões.

Nem mesmo fora capaz de sentir alegria ao morrer a sogra.

Herdaram a casinha, ele e Mariana. Continuaram a dormir no mesmo quarto, a mesma cama de casal. Ele chegava do trabalho, vestia uma roupa velha e confortável, assistia ao noticiário. Ela servia o jantar. À mesa, algumas frases rompiam

ocasionalmente o silêncio: A carne está horrível, acho melhor a gente mudar de açougue. A noite está abafada, parece que vai chover. É preciso mandar consertar o telhado, amanhã mesmo eu chamo o pedreiro.

TELEFONEMA

Faltava um botão no penhoar, que prendeu com um alfinete. Gritou com as crianças, já atrasadas para a escola, disse à diarista que já podia arrumar seu quarto e sentou-se para tomar café. O dia lá fora estava lindo. Bem que podia ir à praia, fazia tanto tempo que não ia. Vontade de desligar de tudo e passar a manhã se divertindo. Mas tudo não passou de vontade.

Podia deixar para domingo. Se Clóvis topasse, podiam ir com as crianças a Copacabana e almoçavam por lá mesmo.

Tinha 38 anos. Ao se olhar no espelho, viu uma mulher uns oito anos mais velha, que há muito tempo não ia a um cabeleireiro e sempre esquecia de passar um creme no rosto. Tinha deixado de trabalhar fora, para tomar conta dos filhos. Com isso foi deixando de se arrumar, de comprar um vestido novo.

Foi ao supermercado. Voltou maldizendo os preços e as filas no caixa. Clóvis bem que podia deixar o carro com ela nos dias de compras. Homem é assim mesmo. Não pensam nunca

na comodidade dos outros. Ainda por cima, esse telefone que cisma sempre de tocar na hora em que a gente vai entrar no chuveiro.

A voz do outro lado era macia, insinuante. Voz de mulher. Sabe o Alfredo, aquele amigo do seu marido? Conhece de nome, não é? Pois é, filha, os dois alugam um apartamento na Glória. Dava detalhes, endereço, o nome da fulana com quem Clóvis se encontrava. Quis arranjar uma resposta espirituosa, malcriada, mas o ar lhe faltava, parecia que ia desmaiar. Mal conseguiu recolocar o telefone no gancho.

Trancou-se no quarto. Dor de cabeça. Das brabas. Aterrorizava-a a ideia de se ver cara a cara com o marido, agora que sabia. Dizer o que quando ele chegasse? Tinha que fingir muito bem até decidir o que fazer. Esperar ter uma ideia.

Imaginava a outra — certamente um tipo vulgar, muito pintada. Via Clóvis saltando com ela do carro, desabotoando-lhe a blusa assim que entravam no apartamento. Surpreendeu-se um pouco excitada ante a cena. Criava detalhes tão vivos que a faziam desconhecer o marido, habitualmente sem graça, desajeitado. Sentia uma pontada de respeito ao sabê-lo capaz de uma aventura. Será que algumas vezes os quatro? Positivamente, seus pensamentos tomavam rumos inesperados. Custou a cumprir as tarefas do dia.

À noite sobressaltou-se à chegada de Clóvis. Um pouco decepcionada ao ver seu aspecto costumeiro, os mesmos gestos e fala de sempre. Como se ela esperasse algo novo, diferente, um jeito de homem que trai a mulher. Mas era tudo o mesmo, o andar, o tom de voz. Nada havia mudado.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em março de 2021.
